

PORTUGUÊS

**Colóquio Internacional “Colonialidade e indigeneidade nas Américas”**

**4-5 de junho de 2026**

**École Normale Supérieure, 45 rue d'Ulm (Paris)**

Organização :

Willy Delvalle, doutorando, Chaire Géopolitique du Risque (ENS), République des Savoirs UMR 8241

Yuwey Henri, Nation Kalin’a Tilewuyu, poetisa, escritora, pensadora e militante

Lissell Quiroz, professora, CY Cergy Paris Université, AGORA EA 7392, IUF

Ana Carolina Delgado Teixeira, professora, Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Argumento científico

"Quero que um grito saia de minha garganta. Não estou conseguindo. Eu gritaria meu próprio nome. Que o passado mude para sempre" (Natasha Kanapé Fontaine, *Nauetakuan*, un silence pour un bruit, Bibliothèque québécoise, 2024).

Fenômeno histórico sem precedentes, o continente americano passou por mais de 500 anos de colonialidade do poder e múltiplas colonialidades (Aníbal Quijano, 1999), ou seja, formas de dominação colonial que foram fundadas pelo colonialismo europeu das Américas/Abya Yala e continuaram após os processos de independência/descolonização, tornando-se uma matriz global de poder ainda em vigor (Quijano, 1992). Desde 1492, os povos indígenas da Abya Yala sofreram todo o peso da violência da colonização europeia, marcada por genocídio, escravidão, estupro, desumanização e destruição de seus territórios originais.

Desde o século XVI, a categoria “índio” e seus derivados “ameríndio”, “índio das Américas” e “indígena” se referem à situação de colonizado, dominado, racializado e exotizado. A categorização dos povos criada pelos colonizadores europeus é o substrato sobre o qual foi construído um processo de racialização e criação de raças (Quijano, Wallerstein 1992; Grosfoguel 2016). Como aponta o antropólogo mexicano Guillermo Bonfil Batalla (1972), o “índio” é uma categoria supraétnica que não diz nada sobre os grupos que ela abrange, mas diz algo sobre a relação de subordinação. O índio, como categoria colonial, nasceu quando Cristóvão Colombo invadiu a ilha de Ayiti, rebatizada de Hispaniola para estabelecer o domínio dos monarcas católicos sobre a ilha. Antes de 1492, Abya Yala era formada por centenas de povos e sociedades diferentes, cada um com sua própria identidade social e política. A invasão europeia da Abya Yala foi rapidamente seguida pela violência colonial e pelo genocídio de 90% da população do continente (Grondin Marcel et al. 2022). Algumas regiões, como o Caribe, tiveram dificuldade para lidar com a violência do choque colonial das primeiras décadas da invasão do continente. Os povos indígenas que viviam de Santo Domingo a Cuba foram dizimados por uma ocupação europeia sangrenta e violenta (Dussel 2012). No México, a colonização foi sistematicamente caracterizada pela rejeição do outro, concebido pelo colonizador como “o mesmo”, condenado a ser incorporado como uma coisa em uma totalidade dominante (Dussel 2012). Nos territórios onde a colonização ocorreu mais tarde, foi somente em meados do século XIX que os povos indígenas retornaram aos seus níveis demográficos pré-coloniais. A subalternização dos povos indígenas não terminou com a independência no

século XIX. De fato, com relativa exceção do Haiti, não houve revolução decolonial nas Américas. Os colonos que foram mandados de volta para casa foram substituídos por seus descendentes, nascidos nas Américas. Em algumas áreas, como a Guiana Francesa, a descolonização nunca ocorreu. E mesmo no Haiti, onde houve uma aparente descolonização do poder, isso foi alcançado à custa de novas dependências financeiras e comerciais impostas pela antiga metrópole e pelos EUA por meio de dívidas (Dorigny, 2005).

Esta conferência tem o objetivo de explorar essa história dolorosa, esquecida e silenciosa. O objetivo é entender o passado para curá-lo e reparar a ferida colonial. Ela também buscará dar visibilidade às lutas anticoloniais e à resistência política e cultural à colonialidade, tanto no passado quanto no presente. A criação indígena de novos projetos e conceitos, como a noção de Abya Yala, Bom e Bem Viver, o futuro ancestral e formas alternativas de organização social ao Estado-nação moderno, caracterizadas pela democracia direta e pela autonomia política, provavelmente proporcionará um vislumbre da realização da utopia totalmente “americana” evocada por Quijano (Quijano 2020; Krenak 2025; 2020; Alkmin 2025). Ou podemos ver a produção contínua de um novo sentido histórico incorporado pelos povos indígenas (Quijano 2014). O objetivo da conferência é tornar essas contribuições teóricas e práticas visíveis em um diálogo transamericano.

Pensar a partir do indígena significa destacar a dimensão transamericana e deixar em segundo plano, na medida do possível, as fronteiras nacionais, coloniais e imperiais que dividiram ou até mesmo colocaram parentes uns contra os outros. Além disso, pensar sobre o indigenismo hoje significa abordar o assunto a partir de uma perspectiva interdisciplinar que reúne diferentes campos, como literatura, artes, história, geografia, direito, ciência política, filosofia, antropologia e linguística; mas também sentipensá-lo de modo não-disciplinar, ou para além do disciplinar (Haber 2011; Moraes, Torre 2002).

Pensar a indigeneidade equivale também, como propõe Diana Carolina Flores Rojas/Puka T'ika (Rojas 2025), a pensá-la na instabilidade do conceito, como uma designação destinada a desaparecer.

## Bibliografia

ALKMIN, FÁBIO M., 2025. *Geografia da autonomia*. 1e éd. São Paulo, Editora Elefante.

CUSICANQUI, Silvia Rivera, 2018. *Un mundo ch'ixi es posible Ensayos desde un presente en crisis*, Buenos Aires : Tinta Limón.

DORIGNY, Marcel, 2005. « Aux origines : l'indépendance d'Haïti et son occultation », dans N. Bancel, P. Blanchard et S. Lemaire, *La fracture coloniale : La société française au prisme de l'héritage colonial*, p. 45-55, La Découverte.

GRONDIN MARCEL *et al.* *Le génocide des Amériques: résistance et survivance des peuples autochtones*. Québec: les Éditions Écosociété, 2022.

GRONDIN Marcel, VIEZZER Moema, ROSS-TREMBLAY Pierrot, HAMIDI Nawel, CARRIER Yve, et LEVAC Raymond, 2022. *Le génocide des Amériques : résistance et survivance des peuples autochtones*. Québec : les Éditions Écosociété.

GROSFOGUEL, Ramón, 2016. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*. abril 2016. Vol. 31, pp. 25-49. DOI 10.1590/S0102-69922016000100003.

HABER, Alejandro. Nometodología Payanesa: Notas de Metodología Indisciplinada. jan. 2011.

KANAPE FONTAINE, Natasha, 2014, *Manifeste Assi*, Montréal, Mémoire d'encrier.

—, 2024. *Nauetakuan, un silence pour un bruit*, Bibliothèque québécoise.

KRENAK, Ailton, 2020. *Idées pour retarder la fin du monde*. Bellevaux : Éditions Dehors. ISBN 978-2-36751-024-8.

KRENAK, Ailton, 2025. *Futur ancestral*. Dehors.

MACUSAYA CRUZ, Carlos, 2022. “En Bolivia no hay racismo, indios de mierda”. Apuntes sobre un problema negado. La Paz: Ediciones Jichha (2<sup>e</sup> éd.).

MORAES, María Cándida; TORRE, Saturnino de la. Sentipensar bajo la mirada autopoietica o cómo reencantar creativamente la educación. **Creatividad y Sociedad**, n. 2, 2002.

QUIJANO, Aníbal et WALLERSTEIN, Immanuel, 1992. Americanity as concept, or the Americas in the modern world-system. *International Social Science Journal* [en ligne]. 1992. Disponible à l'adresse : <https://newuniversityinexileconsortium.org/wp-content/uploads/2022/02/Quijano-and-Wallerstein-Americanity-as-a-Concept.pdf>

QUIJANO, Aníbal, 1992. Colonialidad y Modernidad/Racionalidad. *Perú Indígena*. 1992. Vol. 13, n° 29, pp. 11-20.

QUIJANO, Aníbal, 2020. “Bien Vivir”: Entre el “desarrollo” y la Des/Colonialidad del Poder. In : *Cuestiones y horizontes* [en ligne]. CLACSO. pp. 937-952. de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. [Consulté le 21 mars 2024].

QUIROZ, Lissell, 2016. « Construire l'État, civiliser l'Indien dans l'Orient péruvien (1845-1932) », *Les Langues Néo-Latines*, n° 379, déc., p. 37-50.

ROJAS, Diana Carolina Flores. Dignités originaires et disputes démocratiques depuis sur le sud andin péruvien au sein des manifestations récentes 2022 – actualité (Dignidades originarias y disputas democráticas desde el sur andino peruano en las recientes protestas 2022-actualidad). Séminaire apresentado em Séminaire Décoloniser la pensée : Regards autochtones. Paris, 10 jun. 2025. Disponível em: <<https://republique-des-savoirs.fr/events/event/seminaire-decoloniser-la-pensee-regards-autochtones-est-il-toujours-possible/>>

## Eixos do colóquio

1. O léxico e as formas de nomear e superar o “índio” no tempo e no território
2. O sistema jurídico ocidental no centro da colonialidade
3. As formas de aculturação
4. As mulheres indígenas: primeiro território de conquista
5. As resistências indígenas à colonialidade
6. O renascimento das mobilizações indígenas nas Américas

**Modalidades de envio:** As propostas de comunicação devem ser enviadas **ao e-mail [colonialiteetautochtonie@gmail.com](mailto:colonialiteetautochtonie@gmail.com)** até 15 de dezembro de 2025. Elas devem ter o seguinte formato: nome e sobrenome, instituição, endereço eletrônico, título da comunicação, resumo de 250 palavras e uma breve nota bibliográfica. O comitê organizador dará sua resposta até

o final de janeiro de 2026.

**Detalhes práticos:** Os idiomas de comunicação serão espanhol, francês, inglês e português. Como nosso orçamento é limitado, não poderemos arcar com as despesas de viagem e estadia. No entanto, forneceremos almoço, coffee breaks e um jantar de gala na noite de 5 de junho. Está prevista a publicação das contribuições aprovadas por um comitê editorial, bem como a gravação das apresentações.